

CONTRIBUIÇÕES DA ANTROPOLOGIA AO ESTUDO DA APRENDIZAGEM MOTORA

Jocimar Daolio*

DAOLIO, J. - Contribuições da antropologia ao estudo da aprendizagem motora

RESUMO: O presente trabalho parte de considerações gerais sobre a Aprendizagem Motora e avança no sentido de buscar um melhor entendimento do tema através de uma discussão mais global. Para isso, é feita uma incursão pela Antropologia Cultural, a fim de considerar as influências da sociedade sobre seus indivíduos.

A nossa tentativa em relacionar a Aprendizagem Motora com o estudo antropológico das técnicas corporais justifica-se porque em ambos os níveis o indivíduo aprende. Num nível mais microscópico de uma aula de Educação Física, o aluno aprende habilidades motoras; num nível macroscópico de uma sociedade, o indivíduo também aprende determinadas técnicas corporais.

Se é necessário ao professor de Educação Física saber como ensinar uma habilidade motora, é igualmente necessário a ele entender o significado dessa habilidade em nossa cultura, sob o risco de transmitir aos alunos de forma acrítica, porém tecnicamente competente, certos modismos ou práticas que pouco contribuirão para o acervo cultural dos mesmos.

UNITERMOS: Aprendizagem motora, Antropologia Cultural.

APRENDIZAGEM MOTORA

A Aprendizagem Motora é uma área de estudos que tem se desenvolvido intensamente nas últimas décadas. Em síntese, ela procura explicar o processo interno de um indivíduo quando este passa de um estado em que não sabia executar determinada tarefa motora para outro onde a realiza com facilidade. Preocupa-se, portanto, com os mecanismos e processos responsáveis por esta mudança no comportamento motor do indivíduo (TANI et al., 1988).

Segundo MAGILL (1984), aprendizagem é uma mudança interna no indivíduo, deduzida de uma melhoria relativamente permanente em seu desempenho, como resultado da prática. É possível depreender desta definição que a aprendizagem é um processo inferido a partir de uma mudança na execução de uma tarefa motora. Em outras palavras, o que se estuda em Aprendizagem Motora são os passos ou estádios que ocorrem quando o indivíduo aprende. MARTENIUK (1975), por exemplo, elaborou um modelo de performance humana tentando explicar os passos necessários para o indivíduo adquirir determinada habilidade motora. Segundo ele, os elementos desse processo seriam: órgãos dos sentidos, mecanismo perceptivo, mecanismo de decisão, mecanismo efetor, sistema muscular e mecanismo de

feedback. A função do professor de Educação Física seria interferir adequadamente nos vários estágios deste processo, facilitando a aprendizagem motora do aluno.

Tentando explicar o processo de aprendizagem motora, vários autores identificaram fases deste processo. FITTS (1965) propôs três fases: cognitiva ou inicial, onde o iniciante tenta entender a tarefa e o que ela requer; fase associativa ou intermediária, onde ocorre uma maior organização e padronização dos movimentos já aprendidos; e fase autônoma ou final, na qual as habilidades requerem menos processamento e o indivíduo pode ocupar-se com outros aspectos da performance ou mesmo realizar outras habilidades simultaneamente. Com o mesmo conteúdo das fases de FITTS (1965) citadas acima, ADMS (1971) e GENTILE (1972) propuseram também fases da aprendizagem motora. O primeiro propôs duas fases: verbal-motora e motora; a segunda propôs também duas fases: obtenção da ideia do movimento e fase de fixação/diversificação.

Ainda na tentativa de esclarecer como uma habilidade motora é aprendida (obtenção da ideia do movimento), GENTILE (1972) apresentou um modelo. Segundo ela, o aprendiz deve perceber o que é para ser aprendido, possuindo assim um objetivo; identificar no ambiente os estímulos que serão relevantes para a execução; formular um plano motor; executar uma res-

* Faculdade de Educação Física - Unicamp - Campinas - SP

posta; avaliar os resultados; revisar o plano motor para emitir uma outra resposta e assim entrar novamente no circuito até passar para a fase seguinte, de fixação/diversificação da tarefa motora.

PEASE (1977), comentando o modelo acima, afirma que induzir o aluno ao desejo de aprender é o aspecto mais importante do ensino da Educação Física. Se o aprendiz não tiver um desejo real de aprender, a aprendizagem não ocorrerá, apesar de todo esforço do professor. Ainda segundo PEASE (1977), antes da aprendizagem da habilidade propriamente dita, o aluno deve primeiro aprender como aprender.

Em síntese, o esforço dos estudiosos da Aprendizagem Motora concentra-se no processo ensino-aprendizagem, tentando entender cada vez mais profundamente como o aluno aprende uma habilidade motora, como essa aprendizagem pode ocorrer de forma mais significativa e como o professor pode ensinar de uma maneira efetiva esta habilidade. O papel do professor de habilidades motoras é resumido por MAGILL (1984) em quatro atividades: planejar a instrução, apresentar a informação, avaliar o desempenho e manter a motivação do aluno.

A RELAÇÃO APRENDIZAGEM MOTORA-ANTROPOLOGIA

Temos convicção da importância que os estudos em Aprendizagem Motora têm trazido para a Educação Física. O professor de Educação Física precisa saber como o aluno aprende para melhor poder ensiná-lo. Porém pretendemos contribuir para um melhor entendimento do tema fazendo uma discussão mais macroscópica da Aprendizagem Motora. Faremos uma incursão pela Antropologia Cultural, a fim de considerar as influências da sociedade sobre seus indivíduos. Muitos processos que para nós podem parecer universais em relação ao corpo humano são aprendidos socialmente. O desenvolvimento humano pode ser o mesmo, mas a forma como esse desenvolvimento se dá nas várias sociedades e nos vários momentos históricos pode ser diferente.

Em outras palavras, o corpo também pode ser discutido dentro de aspectos da Antropologia Cultural e esse enfoque é pertinente para uma melhor compreensão da Educação Física, como tentaremos mostrar a seguir. Foi MAUSS, em 1950, quem introduziu na Antropologia o termo Técnicas Corporais, definido por ele como as maneiras pelas quais os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos (MAUSS, 1974). O corpo é expressão da cultura, portanto cada cultura vai expressar diferentes corpos, porque se expressa diferentemente enquanto cultura (KOFES, 1985).

A nossa tentativa em relacionar a Aprendizagem

Motora com o estudo antropológico das técnicas corporais justifica-se porque em ambos os níveis o indivíduo aprende. Num nível mais microscópico de uma aula de Educação Física, o aluno, através do seu corpo e dos seus movimentos, aprende habilidades motoras e torna-se um pouco mais capaz de se relacionar com o meio-ambiente e com os outros. Num nível macroscópico de uma sociedade, o indivíduo também aprende determinadas técnicas, muitas vezes sem se dar conta deste processo. O corpo aprende, e é a sociedade específica em que ele vive, em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada, que o ensina (MAUSS, 1974).

É AGUIRRE (1986) quem nos esclarece melhor sobre esta questão: "Para o cientista social, as práticas corporais (tossir, espirrar, andar, nascer, lavar etc.) podem ser esclarecedoras sobre as forças sociais que se tornam expressas através do corpo, pois, apesar de aparentemente irrelevantes, elas traduzem inconscientemente a concepção de mundo daquela sociedade particular, em termos do que é considerado certo ou errado, nobre ou indigno, próprio ou alheio, desejável ou indesejável" (AGUIRRE, 1986, p. 3).

Os exemplos citados por MAUSS (1974) são inúmeros, tentando mostrar que determinado hábito motor aceito e ensinado numa sociedade atual pode não ser comum em outra sociedade primitiva ou atual, ou na mesma sociedade em outro momento histórico. Assim, MAUSS (1974) descreve que, antigamente, ensinava-se a nadar e só depois era ensinado o mergulho, que era feito de olhos fechados, só podendo abri-los dentro da água. Hoje, ensina-se primeiro a mergulhar, familiarizando a criança com a água, para depois ensiná-la a nadar; e tudo com os olhos abertos.

MAUSS (1974) também relata a dificuldade das tropas inglesas durante a guerra em cavar utilizando pás francesas, chegando ao extremo de ter que substituir 8.000 pás, já que elas exigiam um tipo de giro de mão que os ingleses não dominavam.

RODRIGUES (1975) fala do hábito, tido como universal, de dormir e nos descreve as diferentes formas de expressão desse comportamento. Assim, os ocidentais dormem na posição deitada, enquanto outros povos dormem em pé, para não assumirem a posição dos mortos; há povos que dormem agachados e outros ainda que dormem preferencialmente durante o dia. Parece claro que uma variabilidade de hábitos como essa traria diferenças significativas no que concerne à fisiologia dos indivíduos das várias culturas. O potencial orgânico, que é o mesmo para todos os seres humanos, estaria se expressando de maneiras diversas de acordo com as exigências a que esse corpo estaria sendo submetido pela cultura onde vive.

Ainda como exemplo, MAUSS (1974) descreve a atitude de acocorar-se, afirmando que muitas sociedades conservaram este hábito, enquanto nós o perdemos, embora as crianças o façam com facilidade. Para ele, a

questão não é hereditária, como poderia parecer à primeira vista para um leigo, mas de ordem fisiológica, psicológica e sociológica. Assim, "uma certa forma dos tendões, e mesmo dos ossos, não é outra coisa senão a decorrência de uma certa forma de se comportar e de se dispor" (MAUSS, 1974, p. 220). Da mesma forma, MAUSS (1974) apresenta diferentes maneiras de andar, correr, saltar, cada uma representando e caracterizando uma sociedade específica ou um determinado momento histórico.

Podemos lembrar aqui um exemplo bem típico do nosso país e que todos, por certo, observamos. Até há algumas décadas, o voleibol só era praticado por mulheres e, portanto, só a elas ensinado, sendo reservado aos homens outros esportes como o futebol e o handebol. Vemos, neste exemplo, o que MAUSS (1974) chamou de divisão de técnicas corporais entre os sexos. A questão, logicamente, não era a incapacidade dos homens em jogar voleibol ou das mulheres em relação ao futebol. A questão era cultural, tanto é que hoje vemos o contrário, numa demonstração de mudança da nossa cultura.

Uma outra contribuição interessante para a nossa discussão é o estudo de CLASTRES (1978) sobre a tortura nas sociedades primitivas. Para ele, as sociedades primitivas, ao submeterem os jovens a rituais de passagem à idade adulta, realizavam torturas com o objetivo de "escrever" nos corpos destes "o sinal de um tempo, o traço de uma passagem, a determinação de um destino" (CLASTRES, 1978, p. 125). Assim, o corpo mediatiza a aquisição de um saber, e esse saber é inscrito no corpo. Mantendo as devidas proporções, é possível relacionar as torturas e as provas a que os jovens se submetiam nestas sociedades primitivas à necessidade dos indivíduos, na nossa sociedade, em manter seus corpos dentro de certos padrões aceitos por todos como certos e adequados, tendo para isso, muitas vezes, de se submeter a certos sacrifícios.

CONCLUSÃO

Os membros de uma sociedade vão adquirindo normas, padrões, crenças e valores que norteiam o comportamento dos indivíduos; vão, enfim, aprendendo uma cultura. O corpo, como instância primária de contato do indivíduo com o meio que o cerca, também vai

aprendendo certos hábitos motores característicos de uma determinada cultura. O corpo expressa uma cultura e esta determina corpos. O professor de Educação Física, ao trabalhar diretamente com o corpo e como ser social que é, também participa deste processo de transmissão cultural. Por isso, nosso interesse em relacionar os estudos sobre Aprendizagem Motora com os conhecimentos da Antropologia. Se é necessário saber como ensinar uma habilidade motora, é igualmente necessário entender o significado dessa habilidade em nossa cultura, sob o risco de o profissional de Educação Física transmitir aos alunos de forma acrítica, porém tecnicamente competente, certos modismos ou práticas que pouco contribuirão para o acervo cultural dos mesmos.

Além de saber ensinar as técnicas e regras necessárias para a prática do Basquetebol, por exemplo, o professor precisa entender e discutir com os alunos o sentido cultural deste esporte, em qual momento histórico ele foi criado, como chegou ao Brasil, o sentido de suas regras, as dificuldades que ele gera nos alunos, as exigências para a sua prática. Ainda mais que isso, o professor deve incentivar os alunos a descobrirem movimentos espontâneos do grupo que poderão ser úteis para a prática desse esporte. Portanto o trabalho do professor deve ser muito mais efetivo e consciente do que a simples transmissão técnica dos fundamentos do jogo.

KOFES (1985) também expressa essa preocupação escrevendo: "Pode mesmo acontecer que os professores de Educação Física levem em conta somente uma concepção científica do corpo, não considerando que os alunos tenham outra representação do seu próprio corpo que interfere mesmo em seus movimentos e comportamentos corporais" (KOFES, 1985, p. 53).

Parece-nos clara a importância de o professor de Educação Física considerar o aspecto cultural de sua prática. Acreditamos que as considerações feitas neste estudo possam contribuir para que o professor de Educação Física (1) não se torne vítima inerte de modismos; (2) saiba considerar as diferenças culturais existentes entre os alunos; (3) possa utilizar adequadamente os ensinamentos e os importantes avanços da Aprendizagem Motora; e, finalmente, (4) mais do que beneficiar o aluno, possa contribuir para uma valorização da sociedade em que vivemos, através de uma atuação competente.

Contributions of Anthropology to the Study of Motor Learning

ABSTRACT This study discusses motor learning taking into consideration some anthropological aspects. The author stresses the importance of Physical Education teacher not only to know motor skills but to understand the meaning of these skills in our culture. If the Physical Education teacher teaches skills without knowing their cultural implications, he takes the risk to transmit certain fashions or exercises without meaning that little contribute to the students and their future.

UNITERMS: Motor Learning, Cultural Anthropology.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ADAMS, J.A. A closed-loop theory motor learning. *Journal of Motor Behavior*, 3: 111-150, 1971.
 02. AGUIRRE, A.M. de B. O corpo transformador: trabalho corporal em Psicologia Clínica. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1986.
 03. CLASTRES, P. A sociedade contra o Estado - Pesquisas de Antropologia Política. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
 04. FITTS, P.M. Factor in complex skill training. In GLASER, R. (ed.), *Training research and education*. New York, John Wiley e Sons, 1965.
 05. GENTILE, A.M. A working model of skill acquisition with application to teaching. *Quest*, 17: 3-23, 1972.
 06. KOFES, S. E Sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In BRUHNS, H.T. (org.), *Conversando sobre o corpo*. Campinas, Papirus, 1985.
 07. MAGILL, R.A. *Aprendizagem motora: conceitos e aplicações*. São Paulo, Edgard Blucher, 1984.
 08. MARTENIUK, R.G. Information processing, channel capacity, learning stages, and the acquisition of motor skills. In WHITING, H.T.A. (ed.), *Readings in human performance*. London, Lepus Book, 1975.
 09. MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. Vol. II, São Paulo, EPU, 1974.
 10. PEASE, D.A. A teaching model for motor skill acquisition. *Motor skills: theory into practice*, 1: 104-112, 1977.
 11. RODRIGUES, J.C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1975.
 12. TANI, G. et al. *Educação Física escolar - fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo, EPU e EDUSP, 1988.
-